Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 758

20 DE JANEIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Centenario do nascimento de Castilho

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO AOS 17 ANNOS DE IDADE

Copia da gravura feita por F. F. Soeiro em 1817

FAC-SIMILE DA PRIMEIRA ASSIGNATURA DE ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, EM ESTUDANTE
TAL QUAL SE ENCONTRA NOS TERMOS DO LIVRO DE MATRICULA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, DO ANNO LECTIVO DE 1818 PARA 1819

CHRONICA OCCIDENTAL

Em 26 de janeiro de 1800 nasceu na casa, que hoje tem os n.os 13 a 21 da rua de S. Pedro de Alcantara, um dos mais illustres poetas portuguezes, Antonio Feliciano de Castilho, cujo nome brilhou ao lado dos nomes illustres de Garrett e de Herculano.

A camara municipal de Lisboa, tenciona mandar collocar uma lapide na frontaria d'essa casa, conforme proposta do vereador, sr. Alberto Pimentel.

A empreza do theatro de D Maria realisará, na noite de 26 um espectaculo glorificando a memoria do genial traductor das obras primas de Molière, que tanto enriqueceram a litteratura dramatica portugueza.

A' inauguração da lapide commemorativa assistirão muitas corporações, conforme já annunciaram á camara municipal. Far-se ha representar tambem a direcção da Escóla-Asylo para cegos que tem o nome do famoso poeta.

Um dia de gala é este e dos maiores.

A' glorificação d'um poeta todos concorrem gostosos. Se elle viveu para o bem de todos, se para sempre deixou um legado inexgotavel, que atravez os seculos ha de ir entornando sorrisos de aurora, lagrimas consoladoras!

Ditosas gerações a d'esses Castilhos, cujo nome tudo admira e respeita!

Os velhos, todos, foram gloriosos nas letras, todos vincularam o nome a qualquer obra notavel.

Não desmentiram da justiça de tanta gloria herdada os filhos, que tão maravilhosamente souberam comprehender o velho dictado: *noblesse oblige*.

Não ha muito que na bahia do Rio de Janeiro o denodo d'um portuguez ás direitas, assombrou quantos presenciaram o facto ou d'elle tiveram conhecimento. Esse valente official portuguez, cujo nome brilha com intenso esplendor na historia da ultima revolução brazileira, era Augusto de Castilho, um dos filhos do poeta a quem breve se trata de commemorar o centenario do nascimento.

O illlustre marinheiro é um escriptor notavel tambem; mas tem-o a sua vida afastado das letras e coisas d'arte, a que todo se dedicou seu irmão mais velho, Julio, herdeiro do titulo de seu pae, o Visconde de Castilho.

O trabalho assombroso a que se dedicou, seus estudos sobre a Lisboa antiga, teria sido bastante para que todos o considerassem um benemerito. A erudição accumulada n'aquelles volumes, que tão facil torna hoje os trabalhos de quem tente reconstituir algum trecho da velha cidade, o encanto das descripções, a ligação dos logares descriptos com os factos historicos, são documentos de altissima valia, infelizmente muito desconhecidos, até dos que mais tinham obrigação de aprender a criar amor ás velhas coisas, que com tanto amor o erudito archeologo nos vai mostrando.

Poeta por temperamento, herança e educação, portuguez pelo sangue e coração nobilissimo, é vasta a obra do segundo Visconde de Castilho e n'ella se conteem primores. Bastavam as *Manuelinas* e o seu carinhoso livro sobre Gil Vicente.

Pena é que não possamos com a mesma alegria falar de todos os filhos do velho e glorioso Castilho. A morte, ha bem poucos dias, levou-nos um d'elles, tambem artista, digno filho do traductor das Georgicas, digno irmão, pelo talento e pelo caracter, d'aquelles, que, ao celebrarem uma data gloriosa, hão de verter lagrimas de saudade, entre lagrimas de commoção.

A morte de Eugenio de Castilho trouxe uma nuvem aos espiritos, que iam agradecer ao grande mestre a luz que sobre elles entornou em toda sua longa vida.

A obra dos grandes escriptores prolonga-lhes a existencia. Muito de sua alma deixam nas paginas inspiradas, què hão de ser lidas pelos netos de seus netos e hão de commover as almas.

Não é dada essa consolação a todos os artistas, cuja obra muita vez, por sua natureza, morre ao nascer, ephemera como luz de aerolitho que vôa, se desfaz e desapparece.

É assim a dos executantes, que apenas fica, quando muito, na fama que ha de apagar-se, na memoria dos que hão de morrer. E depois não ha descripção possivel. Vão lá hoje saber como cantava a Malibran, que tão bellos versos inspirou a Alfred de Musset!

O artista morreu, morreu com elle toda a sua obra.

É por isso que não são demais todas as palmas, que lhes paguem um momento de delicioso extasis, de riso alegre, de vivo enthusiasmo, com que, por instantes, nos fizeram esquecer os males da vida.

E o que se guarde sobretudo na memoria é a commoção causada ao espirito, mais, muito mais, do que o processo artistico que d'ella foi caminho.

E um dia a memoria apaga-se e fica na tradicção uma anedocta ou outra, que um dia esquece. É nada mais!

É triste que seja assim, é triste que nada fique, nem sequer a memoria, d'esse homem de genio a quem applaudimos com delirio, quando nos fez crêr que o Hamlet era uma realidade palpavel, d'essa mulher, cheia de frescura e de mocidade, que nos arrebatou um dia cantando-nos um trecho sublime de Gluck ou de Mozart.

Seja ao menos a memoria grata, visto que é de tão pouca dura.

E quem, ha dias, leu nos jornaes a miseria em que está expirando o que foi grande actor, Furtado Coelho, lembre-se, se é isso do seu tempo, quanta vez, n'esses theatros, o applaudiu em tão diversos papeis, todos distinctamente desempenhados, no *Demi-Monde*, na *Thereza Raquin*, no *Lenço branco*.

Vão-lhe procurar lenitivo com um beneficio amigos velhos, collegas que o respeitam, emprezarios que o conheceram em melhores tempos.

É um appêllo feito á caridade. Não faltarão á chamada os velhos enthusiastas de quem, tantas vezes, partilhou applausos com os mais distinctos artistas do theatro portuguez.

São de enorme resultado os beneficios que todos os annos se realisam nas salas de espectaculo em Lisboa.

O trabalho dos actores portuguezes transformado em milhares de esmolas que se repartem todos os invernos, põe-os ao lado, na caridade, de alguns poderosos e, infelizmente, acima de muitos outros.

Ninguem tem duvida de pedir a qualquer artista que ceda em favor d'um infortunio algumas horas ou dias de trabalho, que, afinal, redundam sempre em perda propria. Teem elles essa especialidade: trabalhar para os outros, dando assim uma esmola que não parece. Pois é muito grande e, no dia em que Deus fizer as contas, os artistas não se hão de arrepender de ter feito o que fizeram e, Deus louvado, continuam fazendo.

Os espectaculos de caridade são frequentes em Lisboa e, ainda ha poucos dias, se realisou no enorme Colyseu das Portas de Santo Antão, o grande sarau em beneficio do Instituto D. Affonso.

Foi d'esta vez o Real Gymnasio quem mais concorreu para que a festa desse o melhor resultado.

O grande circo estava maravilhosamente decorado e no palco tocavam uns trezentos musicos.

No programma figuravam gymnastica, esgrima, apresentação de cavallos amestrados, etc.

O resultado foi muitas palmas para todos e muito dinheiro na bilheteira.

Foi o espectaculo de maior sensação n'estes ultimos dias, por isso que, contra muitas previsões, em S. Bento não tem havido por emquanto novidades de maior.

A politica interna tem dado pouco que fallar a não ser pela annulação da eleição do Porto, cujos eleitores mandaram á camara tres deputados republicanos.

Da politica externa, sim, fala-se muito, e da guerra do Transvaal, e dos inglezes que hão de vencer e dos boers que vão vencendo.

E todas as prophecias dos que muito confiavam no dinheiro e poderio inglez vão adiando, adiando... A prophecia está de pé... O *quando* é que ninguem sabe.

Um meu companheiro do americano até diz que acha tudo inacreditavel e que só lê telegrammas da guerra com os olhos boquiabertos!

João da Camara.

No centenario do grande poeta Visconde de Castilho

I

Fechou-te para o mundo a Providencia
Os olhos corporaes,
Quando mal encetavas a existencia,
E não o viste mais.

Não viste mais o céo que te cobria,
E as nitidas estrellas,
E o sol, fonte perenne de alegria,
E tantas coisas bellas,

Que aos raios do aureo sol da juventude,
Celestial sorriso,
Tornam a vida, após aspera e rude,
Um quasi paraizo.

Não viste mais os azulados montes,
Nem do campo os verdores;
Não viste mais as prateadas fontes,
E as aves multicores.

Não viste nada mais; mas similhante
A flor mysteriosa,
Que, ao vir da noite a sombra negrejante,
Cerra o calix mimosa,

E guarda dentro em si o seu perfume,
Para se abrir mais tarde,
Mais rescendente ainda, quando o lume
No céo alto já arde,

Assim tu'alma branda e pequenina,
Repleta de fragrancia,
Guardou em si a imagem crystallina
Dos teus sonhos da infancia,

Perdida a luz dos olhos, para um dia
Se descerrar ardente,
Em niagara de idéas e harmonia,
A voz do Omnipotente.

II

E esse dia chegou breve:
Um anjo do céo baixou,
De azas candidas de neve,
E a tu'alma franqueou.
E aos hymnos qu'elle soltava,
Com que tudo deleitava,
Tudo fazia pasmar,
Ella sahiu feiticeira,
Cantando de egual maneira
O mais suave cantar.

Nunca uma voz tão maviosa
Entre homens se ouviu assim.
Era a tua voz formosa?
Ou era a do cherubim?
Como saber de quem era,
Se parecia, de esphera,
Baixar a nós, sup'rior?
Gemia ternas endechas,
Modulava doces queixas,
Falava de paz e amor.

Depois, cheio de ternura,
O anjo tomou-te a mão,
E da treva densa, escura
Dissipou-te a cerração.
Os olhos d'alma espraiaste,
Outro mundo e sol achaste,
Diff'rentes do mundo teu;
Mas d'aquelle que antes viras,
Mas d'aquelle a que sorriras
Tu'alma não se esqueceu.

É que o perfume d'outr'ora
Guardáras dentro de ti,
E, ao clarão da tua aurora,
Te julgavas inda ali
Por isso teu pensamento
Já se alteia ao firmamento,
Já até aos homens vem,
Porque teus magicos versos
Os mais bellos sons, dispersos
No céo, na terra, contém.

Foram ainda lembranças
D'essa edade juvenil,
Que attrahiram ás creanças
Teu espirito gentil.
Cegas, mas da intelligencia,
Com olhos, mas sem sciencia,
Com sol, e sem terem luz,
Tu para ti as chamaste,
E suave as ensinaste,
Como o divino Jesus.

Foi inda o anjo formoso,
Que a alma te descerrou,
Quem teus ouvidos, piedoso,
Ao tenro bando inclinou.
E foi n'um dia como este,
Quando ha um seculo nasceste,
Que esse anjo o Senhor te deu.
D'esse anjo, ó grande Castilho,
Tu és o dilecto filho;
E é poesia o nome seu.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1900.

Ramos-Coelho.

CASTILHO

Nome aureolado, de scintillações multiplices, indissoluvelmente ligado á mais brilhante pagina da moderna regeneração social e litteraria de Portugal. A lamentavel cegueira reconcentrou-lhe o genio, mas não lhe diminuiu o fulgor, nem lhe tolheu a expansão da sua incansavel vitalidade. Morto para a vida exterior, accordaram-lhe na alma, no espirito delicado, os sentimentos da poesia, do altruismo, da dedicação, do estudo, do trabalho, do patriotismo. Cego e cego illustre, é elle o invalido, o *terceiro* na refrega e, sem arredar pé, sem duvidar nem tergiversar, acompanha impavido o renascimento litterario do romantismo, ao lado de Herculano — o mestre, a par com Garrett, o artista, e consegue sobrevivendo-lhes, tornar duradoura a corrente iniciada e presidir septagenario ao desenvolvimento da litteratura portugueza.

O poeta. Poeta acima de tudo, poeta de raça, discipulo e seguidor da velha Arcadia (*Cartas de Echo, Primavera, Amor e Melancholia*), breve deixa os antigos moldes, onde rivalisava com os mestres — Quita, Bocage e Garção, passa do bucolismo arcadico a alistar-se nas fileiras dos romanticos, lá fóra capitaneados pelos maiores poetas d'este seculo — Byron, Chateaubriand, Hugo, Lamartine e outros — e dá-nos nas composições novas (*Ciumes do bardo, Noite do castello, Excavações, Outomno* etc.) novos modelos de formosissimos versos, onde o estro, e o pensamento se alliavam sempre áquella incomparavel fórma, melodiosa e pura; áquella fórma acrysolada do verbo portuguez manuseado como poucas vezes o tem sido por poetas. Condão extraordinario o d'esse priviligiado grupo dos renovadores da nossa litteratura do começo d'este seculo que vai findar era sem duvida o de burilar a lingua, manejal-a, sob os seus mil formosissimos aspectos, condão que se perdeu, — ignorancia triste — por fórma tal que mal sabemos hoje vasar em palavras nossas o nosso pensamento! Raro condão que esses homens que hoje veneramos nos não legaram senão na licção perduravel de seus escriptos, e do qual os ultimos possuidores — Thomaz de Carvalho e Latino já passaram ao campo da eternidade! Castilho possuia-o; Castilho era o metrificador perfeitissimo, que sabia moldar em admiraveis dizeres o pensamento inspirado de um vate.

Mas esse condão, não o applicava Castilho tão sómente nos seus inspirados versos; por isso uma nova face temos para lhe admirar. Apparece-nos

O prosador eximio. Em livros e jornaes deixou Castilho largamente accentuada a sua mestria na arte de escrever. Estudos de historia como os *Quadros Historicos*, artigos de critica litteraria, prefacios de muitas antigas obras classicas cuja reimpressão aconselhava, ou de novos livros da nossa litteratura contemporanea, como o *Poema da Mocidade* e o *D. Jayme*, em tudo Castilho se revelava uma forte individualidade, cujo principal caracteristico foi sempre, na prosa como no verso, o culto aprimorado da fórma, a phrase correctissima, o dizer elegante, tanto no mais alevantado estylo como no decurso das mais violentas discussões. Esta qualidade, que n'elle, a todas sobreleva, manifesta se tornou em uma paixão que o acompanhou desde o principio da sua vida nas lettras até á morte. Esta paixão pelos grandes *mestres* de todas as litteraturas extrangeiras, fez d'elle

O traductor. Os mais variados trabalhos das litteraturas antigas grega e latina bem como as obras dos mais afamados auctores modernos e contemporaneos lhe mereceram aturado estudo e a muitas d'ellas verteu na vernacula linguagem portugueza, de cujo aperfeiçoamento foi elle sem duvida um dos mais acrysolados propugnadores.

N'esta tarefa de vasar em moldes nacionaes os extranhos auctores devemos marcar dois modos bem diversos. No primeiro, ha a versão dos latinos e dos gregos *A Lyrica* de Anacreonte, as *Georgicas* de Virgilio, os *Fastos*, *Amores*, *Metamorphoses* e *Arte de Amar* de Ovidio, são outros tantos primores no estylo do velho classicismo litterario. No segundo modo, Lamennais (*Palavra d'um crente*), Shakspeare (*Sonho d'uma noite de estio*), Goethe (*Fausto*). Cervantes (*D. Quixote*) e finalmente Moliere (*Tartufo, Avarento, Medico á força, Sabichonas*, etc.) são vertidos em portuguez e, se bem que nem em todas o traductor respeitou a primitiva forma, não é menos certo, que aproveitando-lhes a essencial idéa, fez sobre os themas obras novas de nacionalisado cunho. Este defeito lhe apontam muitos; o certo é porém que as suas traducções dramaticas, conseguiram nacionalisar no palco portuguez o grande mestre da comedia franceza e conquistaram um extraordinario exito.

Foram justamente estes trabalhos de traducção que mais conhecido tomaram da grande maioria do publico portuguez o eminente escriptor.

Como auctor dramatico não teve porém Castilho a mesma felicidade. O seu drama historico *Camões* baseado n'um imperfeito drama francez de Perrot et Dumesnil — e que nunca chegou a ser levado á scena em Portugal — é um soberbo trabalho onde transluz o entranhado amor que o visconde de Castilho votava ás nossas glorias patrias e muito em especial o culto que professava pelo grande cantor das nossas grandezas. Este amor, este preito fazem com que n'aquelle homem incontestavelmente superior, que hoje glorificamos, tenhamos a admirar e a venerar

O patriota. Ainda que afastado pela cruel cegueira das lides politicas, Castilho foi sempre amante da patria e da liberdade. Não teve de emigrar comquanto o perseguisse o absolutismo, mas nos seus versos saúda sempre as aspirações liberaes.

A elle se deve o inicio dos trabalhos da consagração solemne com que a Patria pagou a sua divida eterna ao immortal cantor dos *Lusiadas* — commemoração que começou pelas pesquizas de sua veneranda ossada — iniciadas por Castilho — e pela erecção do monumento — que ao mesmo se deve — para concluirem pelo grande festival do tricentenario, que ao illustre poeta não foi dado presenciar.

Finalmente, e para o fim reservamos esta feição egualmente admiravel de Castilho, foi elle o mais ardente e devotado

propulsionador do ensino do povo. O *Methodo portuguez*, a *Leitura Repentina* e muitas publicações tendentes a aperfeiçoar o ensino das primeiras lettras, bem como os esforços e diligencias assiduas e constantes para o estabelecimento de escholas e para a melhor efficacia do ensino publico dão a Castilho o aspeito venerando de apostolo da instrucção como mais tarde o foi João de Deus. Muitas gerações ensinou o *Methodo Portuguez* e, se o systema teve mais tarde de ceder perante o apparecimento de novos e melhores methodos, não é menos certo que deve agradecer-se ao poeta a intenção pura de tornar suave e agradavel ás creanças, pela acção da toada musical, como nos cantos choraes de Frœbel, a rude aprendisagem das primeiras lettras. Elle proprio, no collegio que denominou *Portico* ensinava o seu methodo e com o auxilio das associações, como a dos *Amigos das Artes e Lettras* de S. Miguel, *Industrial* do Porto, e dos *Artistas* de Coimbra, conseguiu implantal-o, ao cabo de porfiada lucta.

D'elle diz D. Antonio da Costa:

«O que ha de tornar immortal a instituição d'aquella obra é o ter lançado as bases, n'esta nação, do methodo racional, natural e instructivo de todo o ensino primario. Esta ha de ser a gloria eterna do sr. Castilho e a historia da civilisação portugueza nunca lhe poderá negar este feito glorioso em prol da sua patria.[1]»

Tal foi o homem, taes os variados merecimentos com que se impõe á admiração dos posteros.

Victor Ribeiro.

Castilho na Lapa dos Esteios, 1822

Castilho nasceu com o seculo, e por isso em 1822 contava 22 annos, quinze dos quaes tinham já decorrido no meio das trevas da cegueira, pois cedo principiaram para o poeta as provações da vida, tirando-lhe a luz de seus olhos.

Mas se a doença implacavel lhe roubou a vista do corpo, á Providencia aprouve dilatar-lhe a vista da alma com essa luz que vem do céo, e que tanta vez permitte ver mais com os olhos do espirito, do que aos videntes com os da materia.

Foi assim que Antonio Feliciano de Castilho, apesar da cegueira que em criança o assaltou, poude estudar e seguir o curso na Universidade de Coimbra, onde se encontrava aos 22 annos de idade.

Despontava por aquelles tempos a aurora da liberdade e imperava o romantismo nos espiritos desde aquelles que do berço sonhavam com a poesia até aos que expunham a vida por um ideal, ora perdendo-a nos campos de batalha, ora sacrificando-a nos antros do exilio.

Tudo era enthusiasmo, tudo eram crenças; o sceptismo era coisa que não entrava nos corações da mocidade.

Os poetas cantavam a natureza, o amor, a vida.

Estava-se em março de 1822 e Castilho, que já não via a côr das rosas nem o matiz dos campos floridos, nem por isso deixava de se enebriar com seus aromas. A primavera aproximava-se com o seu manto de flores a revestir os montes e a despontar nos pomares. Por sobre as arvores os passaritos ensaiavam os seus chilreados, mais uma vez a natureza rejuvenescia e se alegrava. Festejal-a era de poetas, era de todos os tempos, desde os mais remotos do mundo, e ai d'elle quando a poesia tiver desapparecido de todo, porque todos os corações estarão obsecados pelo materialismo. Que inferno será o mundo!

Castilho quiz saudar a Primavera, elle que a não via sorrir, mas que lá no intimo de alma imaginava bem todas as bellezas que a revestiam e comprehendia todo o amor e vida que ella trazia ao mundo.

De poetas era então a academia, amigos de Gessner, de que Castilho era o primeiro.

Concertaram em celebrar a entrada da estação das flores, com um passeio ao campo, a logar proprio e aprazivel onde se reunissem e ali a saudassem com poesias, como em monte de flores ou outeiros. Que poetico seria, nas margens do Mondego, orlado de choupos a erguerem-se por entre os salgueiraes, formando como que moldura aos campos atapetados de flores!

Escolheu-se a Lapa dos Esteios que o poeta nos descreve assim:

«Remontando a veia do Mondego até obra de um quarto de legua para cima da cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza e como que enfeitado sem arte. Dissereis que em hora de contentamento o fizera a natureza para algum dia hospedar no regalo d'aquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus.

«De Lapa dos Esteios pozeram nome ao sitio em dias remotos, segundo sôa, os vinhateiros e pomareiros, que de umas e outras varzeas do rio costumavam acudir ali por paus, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fructa. Ainda permanece o nome, porém já o arvoredo se não desbarata pelos visinhos; e a lapa, de tão solitaria e amena que é, parece a appetecida estancia do genio da liberdade.

«Entra-se por um breve caes ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma torcendo-se toda para o rio, se debruça para saudar e cobrir com a sua sombra os bateis que chegam. No topo do caes, e fronteira a quem desembarca, se alevanta um genero de muralha nativa de rochedo, roto em muitos seios.

«Esta penedia até aos nove ou dez palmos de altura sobe nua, e só ornada da sua mesma aspereza; d'ahi para cima, como envergonhada de sua dura condição, se esconde toda com frontal de heras, que ora resaem como cabeços pendurados, ora se recolhem para phantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labyrintos, d'onde ás vezes se estão vendo sair por um cabo e por outro os passaros, que depois de beber e se banharem na veia da agua se empoleiram nos lameguciros visinhos, namorando e cantando a suavidade e fresquidão de suas habitações.

«Pelo lado direito aprasivel scena, sobe uma cerrada espessura de bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem; pelo esquerdo abre-se para cima uma escada rustica, mas commoda, de doze degraus.

«Tecem-lhe estendido toldo dois lamegueiros velhos, e outras arvores mais pequenas se abraçam por ali, travadas com mil voltas de hera.

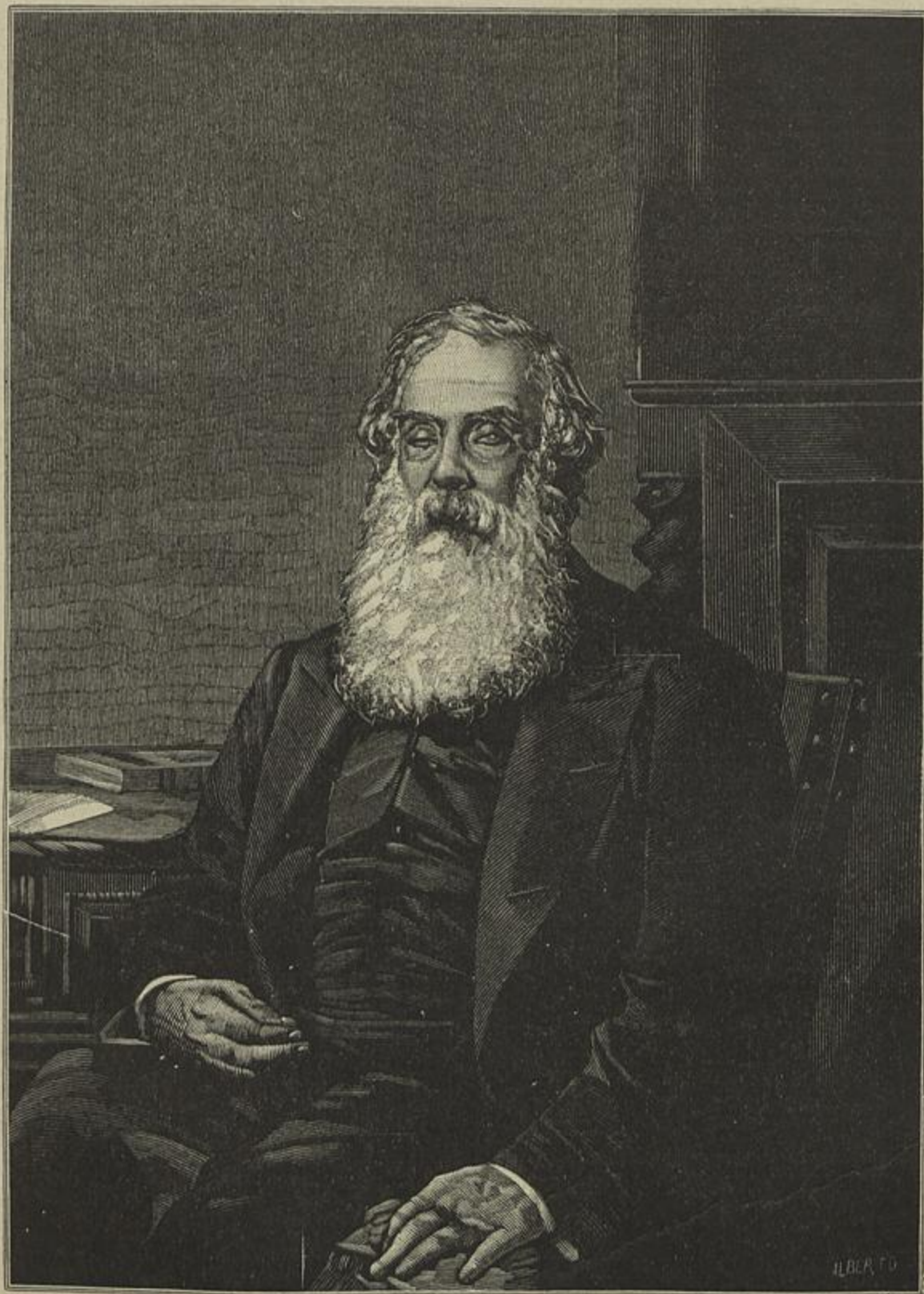
«Dá esta subida em uma planura sobre o comprido, com seus assentos de ambas as bandas, isto é, da terra e do rio, o qual por entre um vasto arvoredo, que d'ahi por uma especie de promontorio vae descendo, até lhe metter os pés na corrente, se está vendo a furto transparecer. Das primeiras cabeças d'este arvoredo cae para os assentos uma boa e vedada sombra.

«O puro e perfumado dos ares, a varia presença de terra e aguas, o susurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querelas das aves, em summa: a natureza enfeitada só de suas mãos, e paz e descanço de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sitio.

«Uma ladeira suave opposta á escada, e ainda mais sombreada, despede em outro caes, com seus degraus nativos de rocha até á agua.

«É este menos bem assombrado que o primeiro; não tem relva, nem arvore, nem verdura, afóra a da muralha no topo, toda velada de musgos matisa-

[1] A Instrucção Nacional, parte III cap. V.

Centenario do nascimento de Castilho

VISCONDE DE CASTILHO — *Copia do retrato pintado por o professor Miguel Angelo Lupi*

Centenario do nascimento de Castilho

LAPA DOS ESTEIOS, NA QUINTA DAS CANNAS, EM COIMBRA, ONDE CASTILHO CELEBROU A ENTRADA DA PRIMAVERA DE 18[illegible]2

(Copia de uma photographia do sr. Santos)

dos com seus tufos de fetos silvestres, congorças, e um sem numero de outras plantas e hervas, sobresaindo a espaços alguns ramos solitarios de figueira brava; mas o que de interior graça lhe falece, lh'o compensa a larga vista que para fóra desfructa.»[1]

Pois foi ali que Castilho se reuniu no primeiro dia da primavera d'aquelle anno com alguns dos seus condiscipulos. Eram elles: José Victorino Freire Cardoso da Fonseca, que tomára o nome poetico de Elmiro; Francisco de Senna Fernandes, denominado Aufriso; José Maria Grande, o melodioso Josino; Augusto Frederico, Auliso; Albano Subtil de Pina, que não precisou mudar seu nome de baptismo; Francisco Cesario Rodrigues Moacho, Francilio, Francisco de Assis de Sales Caldeira, Franzino; e José Feliciano de Castilho irmão do poeta, contando apenas 12 annos. Veio ainda reunir-se á festa o padre José Fernandes de Oliveira Leitão, tocando sua flauta pastoril, despreoccupado e alegre, apesar dos seus quarenta janeiros, a fazer côro com a mocidade que foliava.

Todos recitaram seus versos principiando por Castilho, que fez ouvir pela primeira vez *O dia de primavera*.

Desde então ficou celebrado o sitio da Lapa Esteios, onde por muitos annos foram poetas em romaria recordar tempos idos e evocar as musas do passado. Hoje tudo é morto e já, em 1877[2] um viajante obscuro que visitou a Lapa, escreveu lá a seguinte oitava alexandrina:

É este o ameno sitio; eis o arvoredo, as aguas;
doce albergue feliz, onde a poesia inspira,
e onde co'os rouxinoes trinou divinas maguas
o bardo juvenil, cantor da Primavera.
Ouviram-lhe o alaude os echos d'estas fraguas;
mas ai! tornal-o a ouvir de balde o sitio espera.
Poetas, cantae vós; e ao querulo modilho
d'alem preside occulta a sombra de Castilho.

Caetano Alberto.

OS GRANDES HOMENS

Por fortuna, se fortuna pode chamar-se o que livra de responsabilidade um paiz para incluil-o na responsabilidade que abrange todos, não é preciso vir a Portugal, nem chegar aos nossos dias, para encontrar as decepções soffridas pelo genio. Todos os paizes e todos os seculos são os juizes das injustiças dos homens raras vezes commettidas contra os seus inferiores: que não valeria a pena arrostar a carga de injustos com os pequeninos. Não ha biographo que, ao estudar o seu assumpto, não tenha observado essa extranha aberração da humanidade, esse fluxo e refluxo que fazem com que, ao mesmo tempo que pende para o aperfeiçoamento da sua epoca e da sua localidade, se empenhe em deminuir o numero dos obreiros do progresso, em cortar o vôo ás intelligencias privilegiadas de que o progresso depende. Quantos seculos não viria a importar em cifras de adeantamento para as sciencias e artes o elevado numero das perseguições e da annullação dos grandes talentos! O fanatismo politico e religioso, as indiscretas exclusões, que redundam em atraso do povo, julgado tudo sem appellação no seculo proximo e muitas vezes no mesmo seculo em que assim se prevarica, são as causas de phenomeno tão singular e tão commum.

Quando os homens celebres, diz um critico, são vistos a grande distancia; se no intervallo o progresso das luzes, grandes revoluções no governo e no estado social teem mudado ou modificado as idéas, cumpre rever o passado com a maior attenção. As mesmas cousas já não poderiam ser consideradas no mesmo ponto de vista. Com o tempo apagam-se as prevenções e os odios; julga-se com espirito mais são, por isso que se julga desinteressadamente. Assim muitas cousas que passam desapercebidas em uma epoca, adquirem valor com o andar do tempo.

Uma condição que parece inseparavelmente ligada ao destino dos grandes homens, é o excitarem primeiro a inveja, depois o odio, e muitas vezes tambem a perseguição. O seu merito offusca os rivaes; a sua independencia assusta os governos; uma justa firmeza os impede de se curvarem e humilharem, e d'isto mesmo se tira auctorização para os tornar odiosos: que nunca faltou pretexto á mediocridade para calumniar o genio.

E o que começam os sujeitos que influem nos povos, continuam-n'o estes, e innocentemente a opinião acaba por tornar-se collaboradora n'uma obra essencialmente destinada a prejudicar os legitimos interesses do paiz em cambio de minguadas e damnosas satisfacções pessoaes. Vejamos como.

A opinião publica, a grande rainha do nosso tempo, disse, por estas ou outras palavras, um biographo cujo nome me não lembra; tem de bom que, se reserva os seus favores para os que a adulam, tambem para elles reserva as suas velleidades, as suas exigencias, o seu mau humor e os seus caprichos; e quando por acaso dá com uma individualidade forte e altiva que se nega obstinadamente a acceitar-lhe o jugo, começa por medir o rebelde de alto a baixo, e se n'elle encontra verdadeiras proporções de grandeza, resigna-se a soffrer uma resistencia, que não a humilha, e colloca-se então em frente da personagem n'um pé de frieza permanente, que não é de certo o amor, mas que tão pouco é o odio, e que até certo ponto não exclue a justiça.

Assim, o homem de qualidades a quem a prevenção dos inimigos põe á prova, obrigando-o desproporcionadamente a collocar-se, sem querer, em frente da opinião publica, que por sua vez tambem sem querer, e sómente pela força das cousas, mantem a mesma attitude; esse homem, lá vem um dia em que adquire o direito de falar á opinião por via de um legitimo representante seu, que chega n'esse dia a interromper o silencio das duas potencias.

Esse dia, é no da sua morte.

Esse representante, é a historia, que para elle começa ao receber-lhe o corpo no sepulcro e chamar a juizo as acções do homem.

E se a historia d'esse homem prova que foi virtuoso através de tempos em que tantas consciencias claudicaram, que foi dos primeiros engenhos do seu paiz, dos seus filhos mais illustres; se em epoca de reorganização, em que tanta falta fazem e em que não pouco escasseiam os talentos, a historia convence a opinião de que andou mal em não aproveitar os resplandores vespertinos d'essa intelligencia luminosa, em não utilizar para o paiz os ultimos restos d'essa rectidão e d'essa sciencia que se extinguiam para se transformarem em vida mais perfeita, livre das injustiças d'esta; então, sem tambem agora se sentir humilhada, a opinião ha de reconhecer o erro; porque, se em quanto vive um homem, forma a respeito d'elle o juizo mais ou menos apaixonado dos seus emulos, uma vez morto, só a historia, que é a verdade, tem o direito de ser a opinião.

Franz.

CASTILHO[1]

O riso foi n'essa épocha a *dominante*, como se diz na musica. Dos homens mais eminentes de então, só um talvez escapou ao que o povo chama a chalaça: foi Alexandre Herculano. Não foi verdadeiramente o seu talento inventivo o que produziu uma admiração profunda; dizia-se que o ponto de partida do *Euriso* era o mesmo de *Jocelyn*, o celibato do clero catholico, e a imaginação fugiu tambem para o *René*; mas a obra revelava uma tão admiravel superioridade de estudo, a épocha da destruição da monarchia goda na Hespanha pela invasão arabe e os costumes e caracter social, eram apresentados com tal feição de authenticidade, que as tendencias antiquarias fulgiram n'um extaze de enthusiasmo e aclamaram o grande pensador e grande investigador como um deus. Sem que a politica entrasse de nenhum modo nos seus escriptos, Herculano teve o poder de despertar no paiz e notavelmente nos portuguezes que no Brazil viam de longe a patria á luz da sua saudade e do seu amor natal, uma febre de adoração comparavel apenas á que em Italia se tem consagrado a Garibaldi. Foi um escriptor que teve influencia litteraria: não teve leitores e admiradores, teve fanaticos. Ninguem melhor do que elle conhecia a historia, nem encontrava n'ella com maior profundidade a nota philosophica. Era um homem fadado para a lucta; fôra soldado, expuzera a vida, tinha o fogo supremo das convicções, e a invencivel tenacidade de um caracter valente, severo, e desprendido em tudo e sempre das ambições e ufanias a que teem sacrificado quasi sempre Portugal os grandes e os maiores.

Outros dois, lidaram tanto como elle, e consagraram ás lettras quanto amor poderam; Garrett e Castilho; Garrett viveu mais ou menos contente, da sua terra e da sua gente, porque tinha genio de não attentar nas miserias do mundo, ou figurava talvez que não dava por ellas: Castilho viveu minado de desgostos, de perseguições, de malquerenças, de odios sem motivo, de calumnias, accusações vagas, punhaladas á falsa fé. Envenenaram-lhe a vida os inimigos, e os falsos amigos, que ainda mais o amargararam com verdades e mentiras que iam repetir-lhe, emquanto elle consumia o tempo em trabalhos uteis perturbados sempre pela damnada brutalidade dos ingratos e dos ruins.

A morte, por que assim diga, salvou-o. Foi curioso o effeito de perspectiva que ella produziu, — bastou-lhe um momento para transfigurar tudo e collocar o poeta n'uns longes completamente favoraveis, apagando qualquer leve senão, perante a grandeza da sua vida e da sua obra, e restituindo-lhe inteira a magestade augusta e serena, que tantas vezes se tinha feito diligencia de empanar.

Nada d'isso serviu de lição, nem prestou para exemplo. O paiz, indifferente e frio, vae sendo o mesmo. Impressões de momento pela falta de um homem de lettras que ninguem em Portugal substituiu; mas, impressões de momento, como quando se vê uma pessoa cair ao mar. Eterna historia! Estão os passageiros na tolda a passear, ouvem a bulha de uma queda, debruçam-se para vêr, perguntam como foi isso, dizem uns:

— Forte cousa! Que desgraça!

Outros:

— Coitado!

E o homem mergulha, apparece ainda, chama...

Depois o navio continua no seu rumo...

Depois os passageiros, encostados, olham para a agua, depois para o ceu, depois uns para os outros; e, conversando:

— Iamos nós dizendo...

Os homens de talento em Portugal teem tido sempre por destino não interessar ninguem. Falla-se d'elles, diz-se que teem merecimento, mas nunca ha quem trate de os ajudar como se elles fossem outra cousa, se tivessem um negocio qualquer, uma loja, e quebrassem... Tem-se raiva á superioridade, entre nós; e, não contentes de deixarem entregues ao seu mau fado, os que forem superiores amarguram-os ás vezes por gosto e recreio, promovem-lhes guerras, espalham boatos, cruxificam-os; depois quando os vêem mortos, vão até ao cemiterio, — nunca, assim mesmo, em tão numerosa affluencia como *quando ha tropa*, — e, chegados lá, querem ainda fazer render o morto:

— Quem falla?

— Então ninguem falla?

— Não ha discursos?!!

— Homem! Essa agora!...

Nunca em vida o auxiliaram, nunca lhe quizeram verdadeiramente bem, nunca o defenderam: pelo contrario lhe fizeram de vez em quando as pirraças possiveis: mas, n'aquelle dia todos os louvores lhes parecem pouco e pedem algumas flôres de eloquencia á beira da sepultura...

Quando Castilho deu uns saráus litterarios, ensinando as creanças a lêr, instruindo-as e recreando-as, ia lá de tempos a tempos uma cambada de tafues desgostal-o, affligil-o. Ha gente em quem os sentimentos ruins nascem como bichos, não engendrados por fóra, mas concebidos e a ferverem na podridão inveterada da sua substancia.

Elle nunca poude entender-se de todo bem com o mundo; a acção que exerceu sobre a mocidade, foi grande nos primeiros tempos; nos ultimos annos quasi nenhuma, — ella aggrediu-o por vezes, e elle a ella: foi a unica relação que tiveram.

O maior mal proveiu talvez de não poder existir affinidade entre o poeta cego, e a maior parte da gente, creaturas de feliz espirito, que não se deixam surprehender pelas visões, pelas chimeras sublimes, pelas angustias mysteriosas que minam e devoram as almas dos poetas. E elle era propriamente poeta; até no que se reputavam inconsequencias suas, caprichos; males imaginarios, que tantas vezes iam dar em dôres verdadeiras.

Depois, a humanidade tem horas em que é másinha. Havia de vez em quando um ou outro, por quem elle fizera o que havia podido — e ninguem era mais dado a empenhar-se e a trabalhar pelos outros, — que, n'um bello dia, o encontrava pela rua, dando o braço a um pequeno, a um criado, e ás vezes a um de seus filhos. Então, para não estar a demorar-se, para não ter que ir apertar a mão amiga e illustre d'aquelle velho, o sujeito, logo que o avistava, sumia-se.

Castilho não o via, coitado: daria elle alguma coisa para isso, por pouco que o outro tivesse que vêr; mas via-o a pessoa que acompanhava o poeta e que lhe dizia:

— Vem ali o sr. fulano!

N'isto, o fulano desapparecêra.

E o outro:

[1] *Primavera.*
[2] *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho.

[1] Do livro *Lisboa de Hontem* de Julio Cesar Machado.

— Quando digo vem, vinha...
— E então?
— E então viu-nos e metteu-se para a travessa...

Castilho desde esse dia desprezava aquelle homem; é natural; e quando alguma occasião tivesse de exprimir a respeito d'elle um sentimento de desdem, de desestima, ainda o mundo o accusava a elle e o arguia de sentir d'esse modo, tendo-se interessado tanto pelo homem n'outros tempos:

— Vão lá fiar-se!

Os dissabores azedaram-lhe o caracter, e, uma vez offendido, Castilho não perdoava. Ás vezes ia até á exageração do despeito. De mais a mais tinha muita graça, graça conceituosa, e tambem graça violenta; em lhe convindo fazia-a valer. A *Tosquia de um camelo* é formidavel.

A conversar era prodigioso. Por sentimento de artista a sua palavra tinha a força de uma arma, que atirasse o inimigo ao riso vingador; e nos chistes singelos da conversação amavel, ninguem o excedia em facilidade e em espirito. De uma occasião, por exemplo — cito-lhes isto a proposito de espirito e facilidade — tendo-se mudado para a rua Nova de S. Francisco de Paula, fui ali vêl-o. Andava-se a arrumar os livros: estava lá, visitando-o o antigo prior de Santa Isabel de quem Castilho era muito amigo. Iam-se tirando os livros dos bahus, dizia-se o titulo da obra, e o poeta indicava em que armario e junto de que outras obras deveria aquella ser collocada. Por entretimento e para concorrer na lida, o prior e eu ajudámos esta tarefa.

N'isto o prior, sobraçando não sei quantos volumes, perdeu os oculos:

— Mau! disse.

E parou.

— Que foi? perguntou o visconde.

— Estou bem aviado. Perdi os oculos!

O poeta sorriu-se:

— Procura, dizem que tudo se acha nos livros! Lá devem estar!

Foi sempre e até á ultima um lidador litterario. Tambem, como Alexandre Herculano, não ajoelhou nunca deante da fortuna para ella o enfeitar com os laços da sua côr, nem quiz outra cousa senão ir cumprindo a sua missão de poeta n'este mundo; mas Herculano era um solitario, e um austero; e Castilho comquanto mal lhe chegassem aos ouvidos os rumores do dia, as victorias, disputas, intrigas, derrotas e calumnias da vida publica, não logrou as vantagens da velha maxima — esconde a tua vida e espalha o teu espirito!

Nunca ao lêl-o se apercebeu alguem, se lembrou sequer da idade que elle tinha; morreu de setenta e cinco annos. Quê, annos! Não ha annos para homens d'aquelles. A poeira amarrota e rasga-lhes a certidão de idade. Escrevia ainda com tanta frescura como nos dias em que o tempo sorria á sua juventude. O amor era o sól da sua alma: alumiava-lhe as profundezas, dava-lhe calor na superficie, despertava-lhe com os seus raios a primavera que elle adivinhou e cantou, transformava em flôres, e em borboletas coloridas do matiz mais vistoso, as idéas ingratas que por algum momento serpeassem n'aquella comprida noite a que a desgraça o prendera, e fazia desabrochar no seu peito abelhas que distillavam mel, e a que o mel adoçava o ferrão...

Passou os seus dias a poetar, e os serões a ensinar as creanças, a ouvir ler, ou escutar musica. Por isso tambem o sól que lhe servia de luz não durava só um dia; nem ia deitar-se nas nuvens, como o nosso, ás vezes sem sequer as doirar...

Foram eminentes como as suas qualidades litterarias, os serviços que prestou ás lettras. O que elle fazia da lingua portugueza, como a conhecia, como se entendia com ella, como a levava a expressar tudo com os segredos do vigor e da graça, sempre pura, e conforme sempre ás leis inflexiveis da belleza harmoniosa! E não é o unico louvor que deve dar-se-lhe; tambem Roma admirou Terencio no tocante a saber a sua lingua mais do que qualquer outro poeta latino — sem exceptuar Horacio e Virgilio — e, comquanto esse louvor fosse grande, não considerou nunca que elle indicasse por si só a valia absoluta de um grande talento. Quando se lêem as *Georgicas* pega-se indifferentemente no poeta latino ou no seu interprete portuguez e em ambos se tem Virgilio á vista, a tal ponto elle foi n'esta obra traductor primoroso, sem versos parasitas, traduzindo com vida, fidelidade, côr, desenho, correcção, harmonia, tudo: não sei se a musa que favorece o berço dos poetas lhe havia concedido largamente a invenção; não sei tambem se as suas traducções de Molière foram impecaveis: mas em todo o caso, dizer que Castilho sabia a sua lingua e foi excellente traductor como centos de vezes se tem dito para não dizer mais nada, não basta: em todas as suas obras sente-se um moralista e um poeta, revelando-se em conceitos de uma gravidade penetrante, profunda, propria de uma alma apaixonada e verdadeiramente humana!

Trabalhou muito, e teve a virtude rara de fazer sempre quanto poude pelas letras, e por todos em quem conheceu talento.

Julio Cesar Machado.

O MEDICO A' FORÇA

Molière, o grande poeta comico, que não deixou pelo epitheto que merece de ser um melancolico e de compôr algumas scenas de magnifica tragedia, como a do mendigo com D. João na floresta, encontrou na sociedade em que viveu tantas notas hilariantes, que da maior parte das suas comedias o riso se ergue em girandolas, desde ha mais de dois seculos, incessante.

Com excepção do *Misanthropo*, ainda hoje a muitos inaccessivel, mais escripto, como diz Voltaire, para os homens de espirito do que para a multidão, com excepção ainda de mais algumas poucas scenas espalhadas por varias peças, a obra de Molière, desde que elle no *Étourdi* se estreiou, é compendio de toda a sorte de alegria, de ditos graciosos, de vivacidade explodindo em dialogos immortaes.

Não envelheceram essas joias, ainda hoje gloria resplandecente do theatro francez.

O exito que muitas d'ellas obtiveram, quando pelo visconde Antonio Feliciano de Castilho foram dadas a conhecer em nosso theatro e lingua portugueza, provaram mais uma vez que o genio não pertence simplesmente á patria a quem deu primeira luz.

Em bellissimos versos da nossa melodiosa lingua traduziu Castilho as melhores obras mais afamadas do mais afamado poeta francez, que, no parecer de muitos, sustenta ainda o sceptro da litteratura n'aquelle paiz tão opulento em obras de genio.

Entre nós foi o *Medico á força* a comedia de Molière que maior fama alcançou, unica que ainda se conserva em scena, sempre atrahindo concorrencia.

Diz-se agora que brevemente veremos no theatro de D. Maria o *Avarento*, devendo o protagonista ser desempenhado por Ferreira da Silva. A escolha da peça honra o theatro.

Mas em nenhuma d'essas obras primas foi Castilho tão feliz como na versão do *Medico á força*, comedia portugueza de lei, desde o titulo, um verdadeiro achado, inspiração que só desce sobre quem, como o grande mestre, conheça a fundo todos os segredos da lingua em que escreva.

Compartilhando glorias litterarias e de poeta com Garrett e Alexandre Herculano, Castilho pode ser hoje considerado verdadeiro classico.

O *Medico á força*, cuja acção o poeta passou para Portugal, como aliás foi costume seu em todas as peças que traduziu, ficou sendo desde então a melhor comedia portugueza. Lingua, modos de pensar, feitios de personagens, tudo ali é nosso. Para nós deixou de existir *le Médecin malgré lui*.

E quando nos lembramos da grande gloria de Molière, não podemos deixar de orgulhar-nos por termos tambem uma gloria tão nossa. *Le Médecin malgré lui* é obra d'um genio; d'um genio é tambem o *Medico á força*.

Castilho comprehendeu Molière, como grande artista que era. Molière recebeu de Castilho a maior das consagrações. A litteratura franceza deu á nossa uma das melhores joias do nosso escrinio riquissimo.

O exito obtido pela comedia de Castilho foi dos maiores e mais legitimos. Fez-se justiça á mais formosa das obras d'arte.

Ha tantos annos foi essa primeira recita e, ainda ha pouco mezes no theatro D. Amelia, o publico acclamava mais uma vez os quadros preciosos, que formam aquelles actos, rosarios sem uma conta que não seja um diamante.

É que o desempenho de Taborda, encarregado do papel de Sganarello, foi sempre maravilhoso.

Desde o primeiro acto, na famosa scena em que desanca a mulher, n'aquella em que elle, com todo o cuidado na borracha, responde aos que o veem convidar para curar a muda, até ao final, quando de máo humor responde á Martinha, Taborda é inexcedivel em graça, observação, malicia, terror comico. A scena com a ama, os latinorios que emprega, cheio de importancia, a alegre philosophia com que vai ganhando os seus cobres e com que fala ao noivo da filha do lavrador, seriam bastantes para classificar o nosso velho actor como grande artista entre os maiores.

Uma das glorias de Taborda é ter sido excellente collaborador de Molière e de Castilho. Não é pequena. Podem juntar-se os trez nomes n'um só periodo. Tratando-se d'aquella peça a gloria cabe a todos trez.

João da Camara.

O PRESBYTERIO (¹)

Salvé, principio e fim dos meus passeios!
salvé, ó tu, cujo tecto, alva casinha,
cobre ha perto de um lustro os meus autores,
meus castellos no ar, meus faceis versos!
salvé co'o teu rosal; co'as tuas limas,
festivo ornato das paredes brancas;
co'o teu portão patente oppresso de heras;
e co'a tua nogueira; e co'o teu cedro,
brasão futuro do obumbrado pateo!
Salvé outra vez, meu presbyterio! salvé!

Hoje, que o caprichoso do meu estro
(bem sabes se elle o é!) deixa inconstante
versos inda no chôco, outros que apenas
vão da casca a sair, outros que breve
teem de fugir do ninho em vôos livres,
entrou, mal veio a aurora esclarecer-te,
a doidejar-te em roda, a namorar-te
qual borboleta ociosa ou leve abelha.
Pois que elle o quer, cantemos-te; e perdôa
se o canto fallador, transpondo os cumes
das tuas cerejeiras, fôr mais longe
revelar tua humilde obscuridade.

A antiga mediania, a segurança,
a paz, o amor dos ceos, o amor dos homens,
genios foram que em bençãos presidiram
aos alicerces teus. De Pário monte
não foi mister que entranhas te enviassem
chão, columnas, e abóbadas, e estatuas;
tuas portas sem chave não cresceram
lá nas florestas do hemispherio opposto.
Foi visinho pinhal teu solho e tecto;
deu-te paredes mais visinho oiteiro;
portões e meza um cedro bom da extrema.
Não custaste nem lagrimas a pobre,
que á força te cedesse a choça avíta,
nem odioso suor; e não se dormem
somnos melhores em Belem nem Mafra.

Que importa que no centro d'estes ermos
vivas tão só, que apenas descortines
n'um dos altos d'em torno esquiva aldeia?
Tu e o templo co'as messes que vês cingem
bastaes no quadro agreste; em vós affluem,
(como em sua Queluz) nos festos dias
ondas e ondas de amaveis saudadores.
Os rebanhos ociosos não desdenham
tojo em flor, que te doira o chão das mattas,
d'onde envoltos co'os tremulos balidos
veem cantos de amorosas guardadoras
endoidecer teu echo.
Os caminheiros
abençoam-te a sombra; aqui teem fonte,
que em tua relva, ao fresco das parreiras,
detem, dessedentando-as, caravanas
que vão ou veem no alpestre Caramulo.

O anjo das flores liberal te arqueia
de bordada verdura as rescendentes
claras janellas.
Um bulicio manso
de amigas vozes teu recinto alegra.
Na sua tepida choça os bois ruminam
ante o feno em montões; dorme no pateo
farto esquadrão lanigero; ao sol posto
cão dos lobos terror te vela as noites;
teus gallos as demarcam vigilantes.
Co'a luz primeira arrulha-te alvejando
cypria nuvem plumosa; e apenas saltam
da dextra não mesquinha os grãos doirados,
em torno da gentil madrugadeira
de toda a parte os hospedes revôam.
Bicam por entre as pombas á porfia
a gallinha de filhos rodeada,
o manso grasnador do aquoso tanque,
o vaidoso peru, que ri cantando,
e vós, e vós, mais vivos do que todos,
não chamados, mas sempre a nós bemvindos,
passarinhos do ceo, turba sem dono!

(¹) Do livro *Memorias de Castilho.*

Singelo presbyterio, oh! como te amo,
co'o teu ar casaleiro! Amo o teu forno,
tão social á noite; a simples sala,
quasi sempre deserta; a livraria,
deserta rara vez; estas alcovas,
que enche um só leito; e a adega, assoviada
do alvo sopro do norte; e o fuso, e a pia
da cheirosa vindima; e o teu celleiro
alto, arejado, e tão patente aos pobres,
como as portas do templo convisinho.

Floreças para o ceo e para a terra
nos inconstantes seculos! floreças
feliz, co'o feliz dono, edade longa!
E se lá no futuro algum amigo,
socio dos dias bons, saudoso e triste,
torcendo a estrada a te pedir viesse
novas do teu cantor, — «Amou-me, e amei-o» —
lhe dirias mostrando-te; e — «Seus ossos» —
juntaria o teu velho — «Aqui descançam.» —

Sim; apraz-me cuidar que inda os meus restos,
gratos aos bons d'este recanto obscuro,
onde escapei no seculo de sangue,
cá ficarão n'este ocio, inda alguns dias
do simples montanhez talvez chorados.

Ó santa perseguida Liberdade!
onde te achei?! onde não vivem homens;
n'um torrão bravo que não chama invejas.

Em quanto, ora que a noite o ceo regela
humida e turva, tantos ricos enchem
de bocejante ennojo as assembléas,
e tantos, tantos miseros sem lares,
sem consolo, sem pão, sem voz de amigo,
só reos de patrio amor, dormem nas furnas,
pelas praias do oceano, e pelas rochas
(sublimes troncos pelo pé cortados!)...
tua clara fogueira nos aquece;
graças, graças a um Deus!
Assim vagava
sobre o universo undoso a arca do justo.

Nós, depois de annos tres, inda esperamos!
ainda do trovão echos retumbam!
ainda os escarceos assoladores
remugem lá por fora! ainda a pomba
co'o ramo de oliveira inda não volve!

Ó santa perseguida Liberdade!
oh! se eu podesse a troco dos meus dias
restituir-te á minha patria!...
Basta;
esperemos ainda. Oremos sempre!
e talvez que não tarde a grata aurora,
em que, a adejar da serra pelos pincaros,
venha de longe, a nuncia das venturas,
a pomba co'o seu ramo de oliveira!...

Castanheira do Vouga, Maio de 1831.

A. F. de Castilho.

OS GRANDES CEGOS

«Les grands aveugles n'ont point des regards parce qu'ils ont des rayonnements.»

VICTOR HUGO.

(Carta a A. F. de Castilho).

Os grandes cegos deixam após si, não as trevas da sua cegueira, mas os clarões vivificantes do seu espirito luminoso.

Quanto a mim, são tres os maiores cegos que tem havido no mundo: Homero, Milton e Castilho, o primeiro na Grecia antiga, o segundo na altiva Albion, o terceiro n'este cantinho do sul da Europa.

Além d'estes, alguns outros tem havido dignos de memoria que foram insignes nas sciencias, nas artes e nas letras; Saunderson, que foi um prodigio nos mathematicos; Huber, o eminente naturalista genovez; Deodato, o grande philosopho mestre de Cicero; Galileu, que cegou já em avançada edade; Appio Claudio, o Censor, famoso constructor da *Via Appicena* e do aqueducto de Roma; Diogenes d'Alexandria, o preclaro mestre de S. Jeronymo; Cambaci, insigne esculptor toscano e ainda outros.

Sesostris, o mais celebre dos reis do Egypto, cegou quando velho; a João Lescaris, imperador do oriente, aconteceu-lhe a mesma desgraça.

A Belizario, o famoso conquistador dos persas vandalos e godos, e a Luiz III da Allemanha e imperador de Roma arrancaram-lhe os olhos.

E, no entanto essas grandes desditas são ainda pequenas comparadas á da cegueira de nascença ou á d'aquelles que perdem a luz dos seus olhos quando ainda creanças.

E n'esse caso esteve Castilho, estiveram Milton e Homero; todos poetas, cuja memoria é para sempre eternisada.

Homero, que viveu 1:000 annos antes da era christã, Homero, o soberano mestre da arte, o deus da poesia, foi adorado na Grecia como uma divindade. Alexandre Magno trazia sempre comsigo n'um cofre d'oiro os seus poemas. Nada de mais rico, de mais bello e melodioso em todas as linguas que a sua *Illiada* e mesmo o seu poema a *Odyssea*. Homero pinta a natureza como se tivesse olhos para a ver e admirar. Que de fogo e magestade ha nos seus quadros, nas suas descripções, desde a mais simples até á mais elevada, pela fórma, pelas ideias, pelas côres e pelo sentimento!

Milton, o inspirado épico inglez, parece que foi arrancar ao Cahos, ao inferno, nos profundezas do Averno, á altura dos céos, ao templo eterno da divindade, tudo o que ha de mais terrivel e de mais bello, tudo o que ha de mais sublime para formar o seu *Paraiso Perdido;* Milton, que concretisou todo o arrojo nas idéas que fundiu e moldou no grandioso das suas imagens o que ha de maior sublimidade no genio, é ainda hoje uma das mais fulgurantes glorias da Inglaterra.

Castilho é, sem duvida, depois de Camões, o poeta de que mais se ufana Portugal. Tinha seis annos quando uma terrivel doença o cegou, mas a sua precoce intelligencia era tanta, a sua memoria tão prodigiosa, que em breve causou o assombro de todos que liam as suas producções poeticas, onde já se evidenciava tudo o que ha de mais rico e opulento, na nossa lingua, todas as suas galas e louçanias.

Ao fallar de Castilho disse Pinheiro Chagas que elle *deve ser considerado como o mais primoroso cultor da prosa portugueza e o mais admiravel cinzelador do verso.* Que temos nós que offertar á memoria de tão glorioso portuguez mais do que estas modestissimas, tão singelas quanto desprentenciosas linhas? Que tem o paiz que lhe offerecer na apotheose que lhe está fazendo?

Nada, mesmo nada, á vista de tantas joias, de tantos primores que esse grande cego expargiu sobre a nossa litteratura, restaurando-a e engrancedendo-a, das galas com que elle vestiu a lingua portugueza e do immenso bem que elle fez á infancia com os seus ensinamentos e o seu *Methodo Portuguez*.

Tudo que se faça á memoria de tão glorioso escriptor, de tão genial poeta, é pouco, é nada, comparado com os thesouros de inestimavel valia que elle nos legou.

Silva Pereira.

CASA ONDE NASCEU CASTILHO, NA RUA DA TORRE DE S. ROQUE, EM LISBOA, EM 1800

CASA ONDE MORREU CASTILHO, NA RUA DO SOL AO RATO, EM LISBOA, EM 1875

Desenhos do natural por o sr. Casellas